



Alternativas para Convivência com o Semiárido para Apicultura em Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto, no Município de Casa Nova–BA *Alternatives for Living with the Semiarid for Apiculture in Traditional Grassland Communities in the Municipality of Casa Nova- BA*

Amarante, Emanuel Freitas¹; Salviano, Luiz Mauricio Cavalcante²; Moraes, Bruna Silva Ribeiro³; Dantas, Sheyla Souza⁴; Moraes, Victor Leonan Aguiar⁵

¹ Projeto Pró Semiárido, amarantezootecnista@hotmail.com; ² UNIVASF, luiz.salviano@univasf.edu.br; ³SAJUC, brlumma@gmail.com; ⁴Projeto Pró Semiárido, sheyladantassb@hotmail.com; ⁵Projeto Pró Semiárido, victorleonam@gmail.com.

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias

Resumo: Um sistema agrícola familiar como os fundos de pasto, tal modelo facilita o acesso dos animais à água e à comida, sobretudo, nos períodos de severa estiagem. O objetivo principal é estudar a sustentabilidade da apicultura em comunidades de fundo de pasto do semiárido baiano. Ao longo das duas últimas décadas, as ações de intervenção participativa orientadas pelas Metodologias Participativas são reconhecidas enquanto instrumento metodológico que possa mediar, orientar a intervenção baseada em seus princípios éticos (PEREIRA, 2001). Através da utilização de metodologias participativas, buscou-se extrair as diferentes formas do trabalho com as abelhas em fundo de pastos, principalmente nas estratégias de alimentação e fornecimento de água alternativas. Foi percebido nos resultados encontrados que ainda é necessária uma grande conscientização dos apicultores quando se pensa em estratégias para convivência com a estiagem.

Palavras – Chave: Fundo de pasto, semiárido, apicultores.

Keywords: Background of grass, semiarid, beekeepers.

Introdução

Tradicionalmente, as comunidades denominadas de Fundo de Pasto, estão organizadas em grupos familiares de pequenos agricultores que direcionam suas atividades para práticas seculares de produção e de vida destacando-se o uso coletivo das terras, com o intuito de criação de animais além do desenvolvimento de atividades extrativistas e medicinais. Essas comunidades encontram-se inseridas na região do Brasil denominada de Semiárido Brasileiro – SAB, onde predomina o bioma caatinga, com grande grau de parentesco representado nas características sociais, valorização das manifestações culturais e folclóricas, sobretudo, as rodas de São Gonçalo e uma grande reciprocidade em suas ações em comunidade (CARVALHO, 2008).

A atividade apícola sofre grande influência de condições ambientais, isto porque, tanto a fauna quanto a flora são afetadas diretamente por esses fatores. Alterações climáticas têm impacto no desenvolvimento das abelhas, podendo causar desde o abandono de enxames até mesmo a morte delas no caso de alterações drásticas. Com relação à flora, influenciam diretamente na produção dos recursos florais, pólen e néctar, que são essenciais ao desenvolvimento e sobrevivência das abelhas (LE CONTE; NAVAJAS, 2008).



Essa atividade em meio a vegetação da caatinga, vem trazendo bons resultados quando pensamos em uma atividade economicamente viável e também altamente sustentável para a vida nesse bioma, faz com que os apicultores e apicultoras reflitam se realmente é necessário desmatar para ter um retorno econômico, pois as abelhas conseguem dar o retorno necessário para o homem somente com a preservação.

Para um sistema agrícola familiar como os fundos de pasto, tal modelo facilita o acesso dos animais à água e à comida, sobretudo, nos períodos de severa estiagem, além de representar um bom exemplo de adaptação e convivência com o clima semiárido da região. Dessa forma, a apicultura torna-se uma atividade indispensável para implantação de um modelo de base ecológica, pois a ação polinizadora das colmeias de abelhas aumenta sensivelmente a produtividades das lavouras, pomares e pastagens nativas ou cultivadas (CAMARGO et. al, 2002). Normalmente no final da Introdução se deixa claro qual o objetivo do trabalho.

Metodologia

As entrevistas foram realizadas entre os dias 20 de novembro a 15 de dezembro de 2018, em visita nas propriedades de cada apicultor, onde cada um dos apicultores respondeu perguntas de um questionário relacionados a sua vivencia com a apicultura, principalmente com as abelhas com ferrão em fundo de pasto. Além dos questionários semiestruturados também foram feitas caminhadas nas propriedades para visualizar a localização do apiário e como se encontravam a disposição de água e alimentação alternativa.

As ferramentas foram aplicadas no período de 05 de novembro a 25 de novembro de 2018, em 5 reuniões com o grupo de 21 apicultores nas associações ou casas dos apicultores

A utilização do conjunto de ferramentas de base participativa pode ser descrita como ação de construção do conhecimento agroecológico. Ao longo das duas últimas décadas, as ações de intervenção participativa orientadas pelas Metodologias Participativas são reconhecidas enquanto instrumento metodológico que possa mediar, orientar a intervenção baseada em seus princípios éticos, reconhecer valores e elementos culturais (PEREIRA, 2001). As metodologias utilizadas foram: Fraquezas, as Oportunidades, as Fortalezas e as Ameaças (FOFA), Modelização de Agroecossistema e Visita Técnica.

Resultados e Discussão

A apicultura assim como as outras atividades pecuárias devem ser vistas estratégias para que a alimentação venha de seu próprio bioma e isso deve acontecer não só na época das chuvas onde é abundante os alimentos, mas também na época de estiagem, onde o alimento para as abelhas é escasso.



O diagrama de Fluxo busca observar a forma com que os produtos circulam entre os subsistemas que constituem o agroecossistema da apicultura no fundo de pasto. Onde os quadrados em vermelho representam os subsistemas e os círculos em preto, os mediadores, e, suas respectivas flechas os destinos (Figura 1).

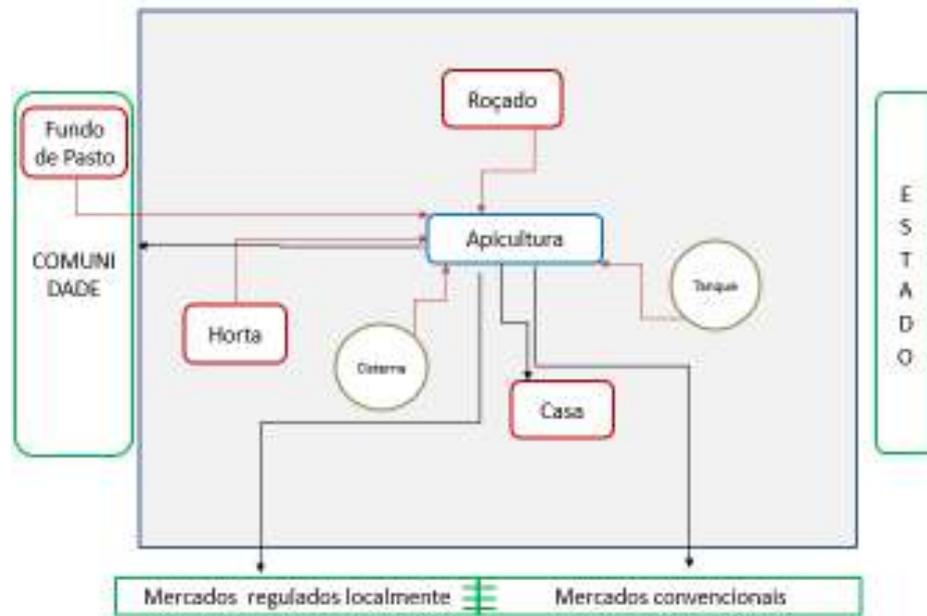


Figura 1. Fluxo do agroecossistema Apicultura

Observou-se que os produtos circulam internamente e externamente. Ou seja, praticamente tudo que é produzido pela unidade de produção é consumido pela mesma e também é vendido para empresas na cidade. Os insumos utilizados são advindos da própria unidade. Podemos ver que são gerados insumos do fundo de pasto para as abelhas, que são as flores, e produto das abelhas para a casa e venda para mercados locais e externos. Temos que salientar o importantíssimo trabalho de polinização das abelhas nesse bioma, pois elas são quase responsáveis por toda a polinização do fundo de pasto. É importante visualizar o diagrama para perceber o quanto a sustentabilidade da atividade é aparente, além de não depender de insumos externos, lhe faz com que o homem tenha que preservar seu bioma, para que possa ter uma produção.

Então a estratégia seria utilizar plantas da caatinga para fazer caldas e rações para manutenção do enxame, para que eles não venham a abandonar a caixa. Esse processo de saída das caixas é muito comum na época de falta de alimento, e com isso faz com que os apicultores tenham um custo maior, para comprar de rações e xaropes artificiais, as vezes tornando inviável a produção pelo elevado custo, então a saída seria realmente utilizar as plantas que estão disponíveis na época de chuvas e guardar esse alimento para as épocas que não vão ter alimento disponível.

Por ser capaz de aproveitar a mão-de-obra familiar, gerar renda e fixar o homem no campo, aproveitando o potencial da vegetação da Caatinga no semiárido, a apicultura é uma atividade crescente no Nordeste do Brasil, onde se caracteriza por ser praticada



por pequenos apicultores ligados à agricultura familiar, essa construção agroecológica vem sendo implantada nas discussões entre agricultores e técnicos, visto que o conhecimento é construído com a participação de todos. Esses produtores, em geral descapitalizados, não veem a atividade apícola como uma ocupação principal, mas somente como um complemento da renda (PEREIRA et al., 2000; PEREIRA, 2002). Apesar do potencial florístico do Nordeste, para a manutenção de uma apicultura produtiva e rentável, torna-se necessário o fornecimento de alimento proteico e energético no período da estiagem (PEREIRA, 1997), que pode se prorrogar por seis a oito meses consecutivos (CEPRO, 1992). A alimentação mantém as colônias populosas, garantindo maior produção na safra seguinte.

Suplementar a alimentação é uma ferramenta capaz de manter os enxames em boas condições evitando perdê-los quando ocorre a escassez de alimento.

Cerca de 95% dos apicultores entrevistados afirmaram ter perdido enxames no período de seca severa e somente 5% não relataram perdas. Muitos enxames foram perdidos por falta de técnicas simples e mais avançadas de manejo em estiagem, ao aumento da temperatura e à falta de pasto apícola para fornecimento adequado de pólen e néctar. Houve também relatos de produtores creditando a perda de enxames de *terceiros* à falta de manejo adequado dos apiários durante forte seca. Em situação de estresse, a exemplo de condições ambientais 49 desfavoráveis, manejo inconveniente, falta de alimento ou ataque de predadores, as abelhas (operárias e rainha) podem abandonar a colmeia, podendo ou não deixar o alimento e as crias. Em períodos longos de estiagens, o apicultor pode perder até 100% de suas colônias (PEREIRA, 2016).

Conclusões

Podemos perceber que estratégias de alimentação e fornecimento de água ainda são poucos que praticam, o conhecimento ainda precisa chegar para todos, pois os que realizam tem um resultado muito bom. As estratégias para armazenamento de alimento e água são um grande potencial que o fundo de pasto oferece em seu período de chuvas, que podem ser aproveitados para a alimentação das abelhas na época de estiagem, coisa que ainda vem sendo feito por poucos.

Referências bibliográficas

CARVALHO, F. P. **Fundo de Pasto: Origem Política e Território**, Salvador –BA 2008, 169f.:il. Dissertação de mestrado, UFBA, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

CEPRO (Piauí:Brasil). Perfil dos municípios piauienses. Teresina: CEPRO / Governo do Estado do Piauí, 1992. 590p.

LE CONTE, Y.; NAVAJAS, M. **Climate change: impact on honey bee populations and diseases**. Revue Scientifique et Technique, v. 27, n. 2, 2008.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



PEREIRA, F. de M. *Desordem do Colapso das Colônias (DCC)*. Embrapa Meio-Norte: Teresina, 2016. Disponível em:<http://www.cpamn.embrapa.br/fapicultura/fdesordemColapso.php>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

PEREIRA, J. R. et al. Plano de desenvolvimento do assentamento Vereda I. Brasília-DF: UnB/UFV, 2001.

CAMARGO, R.C.R.; PEREIRA, F.M.; LOPES, M.T.R. **Produção de mel em Teresina**: Embrapa Meio-Norte, 2002. 138 p. (Embrapa Meio Norte. Sistemas de Produção, 3).